

# Identidade e Desenvolvimento

Ação e pensamento  
de comunidades negras rurais,  
quilombolas e Terreiros de Candomblé

Identidade e Desenvolvimento  
Ação e pensamento de comunidades negras rurais, quilombolas e Terreiros de Candomblé



Apoio:



União Europeia



NORWEGIAN CHURCH AID



CHURCH WORLD SERVICE



FORD FOUNDATION



Igreja Unida do Canadá



Manoela Vianna (Org.)



Apoio:



União Europeia



ISBN 978-85-99416-05-1



9 788599 416051



Este livro foi produzido com o apoio da União Europeia. O conteúdo desta publicação é da exclusiva responsabilidade de KOINONIA e não pode, em caso algum, ser tomado como expressão das posições da União Europeia

IDENTIDADE E  
DESENVOLVIMENTO



# IDENTIDADE E DESENVOLVIMENTO

Ação e o pensamento de comunidades negras rurais,  
quilombolas e Terreiros de Candomblé

Organização: Manoela Vianna

Registro do Seminário *Comunidades Negras Tradicionais como  
Agentes de Desenvolvimento*

Outubro de 2008 – Salvador (BA)

1ª edição

Salvador

KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço

INSERIR LOGO DE KOINONIA

2009

Ó KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço

KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço

Rua Santo Amaro, 129 – Glória

22.211-230 – Rio de Janeiro – RJ – Brasil

Tel. (21) 3042-6445 – Fax (21) 3042-6398

e-mail: [koinonia@koinonia.org.br](mailto:koinonia@koinonia.org.br)

[www.koinonia.org.br](http://www.koinonia.org.br)

Organização: Manoela Vianna

Colaboradores:

Andréa Carvalho

Ana Gualberto

Helena Costa

Jussara Rego

Mara Vanessa Fonseca Dutra

Marcia Evangelista

Secretário- executivo de KOINONIA: Rafael Soares de Oliveira

Revisão: Beth Cobra

Projeto gráfico e capa: Eduardo Souza

Impressão: Walprint – Gráfica e Editora

INSERIR FICHA CATALOGRÁFICA

# SUMÁRIO

## APRESENTAÇÃO

### KOINONIA

Programa Ebgé Territórios Negros

Terreiros de Candomblé e comunidades quilombolas: situações diferenciadas da mesma luta pela terra

As atividades do Programa em Salvador (BA)

Atividades do Programa no Rio de Janeiro

Projeto “Capacitação e apoio ao desenvolvimento de Comunidades Negras Tradicionais no Brasil”

Oficinas de artes, ofícios e direitos

Capacitação e Formação para Quilombolas

### CANDOMBLÉ E DESENVOLVIMENTO

Entre nossos sonhos e a realidade

Saúde e Desenvolvimento

*Desenvolvimento com saúde*

Água, Meio Ambiente e Desenvolvimento

*Direito ao meio ambiente*

Território, Livre Associação e Desenvolvimento

*Direito a Associação e à terra para termos desenvolvimento*

Liberdade Religiosa e Desenvolvimento

*Fim da Intolerância, para o Desenvolvimento*

Saberes Tradicionais, Memória e Desenvolvimento

*Apoio aos saberes tradicionais e memória para o desenvolvimento*

Juventude e Desenvolvimento

Corpo jovem e desenvolvimento

Terreiros autores dos textos

COMUNIDADES NEGRAS RURAIS E QUILOMBOLAS DO BAIXO SUL  
O DESENVOLVIMENTO QUE QUEREMOS

Organização, união e luta por direitos

Representação Quilombola

O primeiro desenvolvimento é ter a terra

*Titulação e demarcação das Terras*

Produção familiar

Energia elétrica

Memória, cultura, conhecimentos tradicionais

Educação diferenciada

Saúde

*Plantas medicinais e atendimento à saúde*

Meio ambiente e água

*Lixo e saneamento básico*

Águas

Desmatamento

Intolerância religiosa

Comunidades negras rurais e quilombolas presentes no seminário e autoras do texto

SEMINÁRIO

COMUNIDADES NEGRAS TRADICIONAIS COMO AGENTES DE DESENVOLVIMENTO

SOBRE O SEMINÁRIO

PARTICIPANTES

Comunidades negras tradicionais representadas no Seminário

Comunidades negras rurais e quilombolas do Baixo Sul da Bahia

Terreiros de Candomblé de Salvador

Órgãos governamentais presentes

PROGRAMAÇÃO DO EVENTO

COMPROMISSOS



*Estrada para a  
comunidade  
de Barroso -  
Camamu (BA)*

## A P R E S E N T A Ç Ã O

Este livro é um dos frutos de um processo iniciado em 2007 com o projeto *Capacitação e apoio ao desenvolvimento de Comunidades Negras Tradicionais no Brasil*, promovido por KOINONIA e co-financiado pela União Europeia, Christian Aid e Church Development Service (EED). Trata-se de uma publicação que registra a discussão sobre desenvolvimento, protagonizada por comunidades de Terreiros de Candomblé de Salvador e comunidades negras rurais e quilombolas da região do Baixo Sul da Bahia. Esse debate ainda não foi concluído, mas teve um momento de culminância na

realização do seminário *Comunidades Negras Tradicionais como Agentes de Desenvolvimento*, promovido em outubro de 2008, em Salvador (BA). O evento foi realizado por KOINONIA e convocado em parceria com o Instituto Nacional da Tradição e Cultura Afro-Brasileira (INTECAB) e Instituto de Gestão das Águas e Clima (Ingá).

Criado para ser um espaço de diálogo entre as comunidades presentes e as autoridades, o seminário reuniu as comunidades que participam da discussão e das ações de KOINONIA e representantes do poder público, das esferas municipais, estaduais e federal. Os três dias de painéis proporcionaram oportunidades para que representantes de Terreiros, quilombos e de comunidades negras rurais expusessem quê tipo de desenvolvimento desejam, e quais são suas demandas para o poder público.

O encontro resultou também em um processo de mobilização pela criação da Comissão Estadual para o Desenvolvimento de Povos e Comunidades Tradicionais; outro desdobramento importante foi o conjunto de compromissos assumidos pelas autoridades para com as comunidades.

Assim, *Identidade e desenvolvimento - ação e o pensamento de comunidades negras rurais, quilombolas e Terreiros de Candomblé* apresenta possíveis caminhos e respostas para os modelos de desenvolvimento que as comunidades de Terreiros de Candomblé de Salvador e comunidades negras rurais e quilombolas da região do Baixo Sul da Bahia pretendem que seja implementado.

O primeiro capítulo descreve KOINONIA, o Programa Egbé Território Negros e o projeto *Capacitação e apoio ao desenvolvimento de Comunidades Negras Tradicionais no Brasil*. O capítulo dois, *Candomblé e Desenvolvimento*, apresenta um texto produzido coletivamente por representantes de cem terreiros durante os Almoços de Trabalho e Fraternidade, promovidos

por KOINONIA com os Terreiros que atende. Estes abordam, a partir de suas perspectivas, temas como água, meio ambiente e desenvolvimento sustentável; saúde; saberes tradicionais e memória; juventude; educação; território; livre associação; e liberdade religiosa. No mesmo sentido segue o capítulo três, *Comunidades Negras Rurais e Quilombolas do Baixo Sul - O Desenvolvimento que Queremos*. Neste, dezesseis comunidades tratam de temas como titulação e demarcação de terras quilombolas, desenvolvimento sustentável, meio ambiente, educação diferenciada e saúde, entre outros. O texto começou a ser produzido durante uma reunião no Baixo Sul e foi finalizado durante o seminário, em Salvador.

O quarto e último capítulo registra o seminário *Comunidades Negras Tradicionais como Agentes de Desenvolvimento*. Entre outros dados do evento, publicamos o conjunto de compromissos assumidos pelas autoridades com as comunidades durante o encontro.

Encartado no livro apresentamos um DVD com a série de vídeos *Tradição e Desenvolvimento*, documentários produzidos por KOINONIA especialmente para o Seminário. Com a mesma temática dos textos publicados aqui, representantes de diferentes Terreiros de Candomblé de Salvador discutem o conceito de desenvolvimento, passando pelos temas saúde, água e meio ambiente; território e livre associação, liberdade religiosa; saberes tradicionais e memória; e juventude. Já no segundo vídeo, comunidades negras rurais e quilombolas do Baixo Sul da Bahia mostram porque são agentes de desenvolvimento, expõem suas demandas e discutem os modelos que desejam construir.

Como citamos anteriormente, a reflexão sobre o desenvolvimento já implementado e aquele desejado por esses agentes sociais ainda está em curso. Embora busquem o desenvolvimento de suas comunidades há muito tempo, nas ações cotidi-

anas e políticas, o debate sobre o tema entre pares e o do coletivo de agentes com o governo consiste em prática recente, e é um dos objetivos de nosso projeto. Sendo assim, um novo seminário será realizado em 2009, com a proposta de ampliar o âmbito regional, contando com a participação de outros estados do Nordeste.

A luta das comunidades negras tradicionais para terem reconhecido (pelo Estado e pela sociedade) seu papel como agentes de desenvolvimento, e para terem suas propostas de desenvolvimento acolhidas pelas políticas públicas, é um processo que não se esgota em um tempo limitado – o tempo dos processos sociais é sempre diferente e maior que o dos projetos, programas, tempos institucionais e tempos dos governos e das políticas públicas. As comunidades protagonistas do debate que aqui se registra, tentando avançar na questão “Quê desenvolvimento queremos?”, continuam experimentando novas formas de se organizar e de produzir, novas formas de estar no mundo e de transformar suas comunidades locais.

KOINONIA continua em seu papel de apoiar essas comunidades, de buscar ampliar e fazer repercutir suas propostas, sua visão de desenvolvimento e suas contribuições para a construção de um mundo mais diverso, mais sábio, mais humano, mais justo.



*Formatura da  
oficina de  
Bordado  
realizada no  
Unzó Nsumbo  
Tãmbula  
Dicoa Meïã  
Dandalunda –  
Terreiro São  
Roque*

## K O I N O N I A

Fundada em 1994, KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço é uma entidade composta por pessoas de diferentes tradições religiosas, reunidas em associação civil sem fins lucrativos. Sua missão é mobilizar grupos histórica e culturalmente vulneráveis e aqueles em processo de emancipação social e política. Para isto desenvolve programas de produção de conhecimento, informação e educação que atuam por meio de redes, em busca de espaços democráticos que garantam a justiça, os direitos humanos – econômicos, sociais, culturais e ambientais –, a promoção do ecumenismo e

do movimento ecumênico e de seus valores libertários em nível nacional e internacional.

KOINONIA presta serviços e estabelece alianças com a população negra organizada em comunidades urbanas e rurais, trabalhadores rurais, agentes de solidariedade com pessoas que vivem com HIV/AIDS, e lideranças intermediárias das igrejas, focando, sempre que possível, a juventude e as mulheres. Sua atuação geográfica vem priorizando os municípios da região do Baixo e Submédio São Francisco (PE/AL); de Salvador e do Baixo Sul da Bahia; do Vale do Paraíba (SP); e do interior do Rio de Janeiro.

Outras alianças naturais que perpassam toda a ação de KOINONIA dizem respeito ao campo das organizações ecumênicas, no qual a instituição não só presta serviços como também é um agente político de mobilização e disseminação de valores. A abrangência dos serviços de KOINONIA, devido à sua estratégia de comunicação e ao atendimento às solicitações de assessoria, é nacional e internacional.

## PROGRAMA EGBÉ TERRITÓRIOS NEGROS

Ainda em 1994, ano de sua fundação, KOINONIA criou o Programa Egbé Territórios Negros, uma resposta às desigualdades que atingem a população negra brasileira. *Egbé* vem do Iorubá: sociedade e o lugar onde ela se reproduz. Nesse sentido, o programa trabalha com as comunidades negras tradicionalmente estabelecidas no que se convencionou chamar de *Territórios Negros*.

Num primeiro momento, o foco do programa voltava-se exclusivamente para os Terreiros de Candomblé de Salvador (BA), com os objetivos de assistir e assessorar essas comunida-

des nas áreas de regularização fundiária, recuperação etnobotânica e diálogo inter-religioso. Em 1999, com o crescimento da temática quilombola e a reflexão institucional sobre as semelhanças que poderiam ligar a experiência territorial desses dois tipos de comunidades, a equipe de KOINONIA ampliou o propósito do programa original. A garantia da propriedade da terra foi percebida como um fator fundamental para a sobrevivência, reprodução e melhoria da qualidade de vida das comunidades remanescentes de quilombos e dos Terreiros de Candomblé. No caso dos Terreiros, a garantia da propriedade da terra tem também um caráter simbólico de valorização da religião de origem africana na sociedade, além de ser indispensável aos rituais religiosos.

TERREIROS DE CANDOMBLÉ  
E COMUNIDADES QUILOMBOLAS:  
SITUAÇÕES DIFERENCIADAS  
DA MESMA LUTA PELA TERRA

Os Terreiros de Candomblé são sociedades organizadas e em torno de cada um deles há uma rede de solidariedade, mais ou menos extensa, e mais ou menos formalizada, dependendo do Terreiro, segundo o número de participantes e a antiguidade. São centros de organização e de educação popular que enfrentaram séculos de repressão, mas conseguiram sobreviver.

Calcula-se que cerca de três mil Terreiros funcionem em Salvador e seus arredores. Eles representam uma forma específica de ocupação do solo urbano, com sua organização, ajuda mútua entre seus membros, preservando áreas de proteção ambiental. Sobre este último ponto é importante ressaltar que a relação com a terra, com as árvores e plantas, com as águas, rios

e lagoas é decisiva para o pensamento religioso do Candomblé e para seus ritos. Os Terreiros enfrentam, ainda hoje, o ataque da especulação imobiliária que ameaça seus territórios, e o acirramento do preconceito religioso açulado, em especial, pelas novas igrejas evangélicas.

As comunidades quilombolas também enfrentam dificuldades semelhantes às dos Terreiros. A luta para permanecerem na terra onde vivem, a expropriação de direitos fundamentais e a situação de pobreza são exemplos das situações vividas por eles. Há problemas, também, para produzir e comercializar produtos e deficiências enormes na educação, na saúde, na habitação e no saneamento. Em algumas delas a luta pela terra já vem de décadas, mas a maioria dos quilombos está em fase de organização interna e conta com o apoio de instituições parceiras para buscar a concretização do novo direito constitucional em seu favor e para trabalhar no sentido de melhoria de sua qualidade de vida.

## AS ATIVIDADES DO PROGRAMA EM SALVADOR (BA)

Em Salvador, as atividades do Programa Egbé Territórios Negros foram iniciadas com os primeiros contatos com os Terreiros em 1999. De lá para cá, foram elaborados laudos antropológicos e laudos etnoecológicos que documentam a localização, a delimitação do território, a história, a botânica e os fármacos de cada Terreiro. Esses laudos são bem consistentes, produzindo um conhecimento novo, essencial para a luta dos terreiros pelo direito aos territórios que ocupam. Contribuem, ainda, para que a sociedade conheça melhor essa realidade.

É com base nesses laudos que o Programa, junto com os Terreiros, realiza gestões junto a órgãos públicos para que os ter-

ritórios sejam “tombados” pelo poder público, ou considerados “áreas de proteção ambiental”, dois instrumentos que garantem a posse da terra pelos seus atuais ocupantes. O Programa oferece, também, o serviço de assessoria jurídica para conduzir ações de usucapião e legalização de sociedades civis que passem a representar os Terreiros em todas as questões com a sociedade. A assessoria jurídica também tem entrado com ações que visam a dispensar os Terreiros do pagamento do imposto territorial, imunidade fiscal que é facultada a outros templos religiosos, mas que até agora não vinha beneficiando os Terreiros.

Para informar sobre suas atividades e estimular redes de solidariedade relacionadas aos direitos das comunidades de Terreiros de Candomblé, o Programa criou, em 2003, o informativo *Fala Egbé*, que atingiu sua 17ª edição em novembro de 2008.<sup>1</sup> O Programa Egbé Territórios Negros também promove ações relacionadas à saúde reprodutiva, direito à saúde e prevenção ao HIV/Aids. A partir de 2006 foram promovidas, em parceria com órgãos governamentais municipais, Feiras de Saúde em Terreiros de Candomblé; as comunidades atendidas pelo Programa também participam de Cursos de Capacitação de Multiplicadores em Saúde, cujo objetivo é formar agentes para que desenvolvam, nas comunidades, ações educativas e de sensibilização em relação aos temas ligados aos direitos reprodutivos e sexuais.

O Programa Egbé atende, hoje, mais de 150 Terreiros de Candomblé. Os representantes dessas comunidades reúnem-se em encontros quadrimestrais para monitoramento das ações programáticas e reflexões sobre temas de interesse comum.

---

<sup>1</sup> Estão disponíveis as versões digitais do informativo *Fala Egbé* no site de KOINONIA - [www.koinonia.org.br](http://www.koinonia.org.br)

## ATIVIDADES DO PROGRAMA NO RIO DE JANEIRO

No ano de 1999 KOINONIA deu início às atividades de pesquisa e visita às comunidades negras rurais e quilombolas do Estado do Rio de Janeiro. Num primeiro momento, o programa dedicou-se à identificação das comunidades, ao contato inicial com elas, a estabelecer relações com seus líderes e ao levantamento do conhecimento existente sobre a questão das comunidades remanescentes dos quilombos.

O programa também se dedicou a fomentar uma rede regional para esclarecimentos e apoio a essas comunidades, tendo em vista as possibilidades de regularização fundiária e os direitos culturais da Constituição de 1988 (além do artigo 68 das ADCT, os artigos 215 e 216 sobre direitos culturais), por meio da troca de informações, de experiências e da realização de eventos científicos e culturais. Além disso, concentrou esforços no sentido de promover iniciativas que permitam a efetiva manutenção desses territórios, nos seus aspectos econômicos, sociais, culturais e ambientais, sempre de uma forma que respeite as concepções e prioridades de suas populações.

O site Observatório Quilombola<sup>2</sup> surgiu em 2001 com o objetivo de disseminar e monitorar informações acerca da temática quilombola, buscando organizar, qualificar e subsidiar a ação dos diversos atores envolvidos. O programa conta, também, com o informativo *Territórios Negros*<sup>3</sup>, distribuído gratui-

---

<sup>2</sup> [www.koinonia.org.br/oq](http://www.koinonia.org.br/oq)

<sup>3</sup> Estão disponíveis as versões digitais do Informativo *Territórios Negros* no site de KOINONIA - [www.koinonia.org.br](http://www.koinonia.org.br)

tamente às comunidades, entidades e indivíduos de todo o país, engajados na temática quilombola.

No Estado do Rio de Janeiro o Programa desenvolveu projetos pontuais junto às comunidades da Ilha da Marambaia (Mangaratiba), Preto Forro (Cabo Frio) e Alto da Serra (Rio Claro). Entre os projetos desenvolvidos pelo Programa Egbé no Rio de Janeiro estão o Balcão de Direitos, realizado em 2005 por meio de convênio entre o Programa e a Secretaria Especial de Direitos Humanos (SEDH) e o projeto Etnodesenvolvimento Quilombola, finalizado em 2006, fruto do convênio entre o Programa e o Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), com o objetivo de consolidar e fortalecer as comunidades quilombolas envolvidas por meio da capacitação de sua população para a autogestão e para o desenvolvimento social, ambiental e culturalmente sustentável. A partir de 2007, o Programa promoveu reuniões regionais nas quais os quilombolas de diversas comunidades se encontraram para trocar informações sobre políticas públicas específicas e sobre as ações locais. Os encontros também são espaços de formação coletiva e de construção de pautas de ação.

## PROJETO “CAPACITAÇÃO E APOIO AO DESENVOLVIMENTO DE COMUNIDADES NEGRAS TRADICIONAIS NO BRASIL”

Mantendo sua expectativa de apoio e fortalecimento das Comunidades Negras Tradicionais no Brasil, mais especificamente no que se refere à discussão sobre o conceito *Desenvolvimento*, o Programa Egbé Territórios Negros começou a ampliar suas ações no ano de 2007 com a implantação do projeto “*Capacitação e apoio ao desenvolvimento de Comunidades Negras Tradicionais no*

*Brasil*”, cofinanciado pela União Europeia, Christian Aid e Church Development Service (EED). O objetivo inicial do projeto era de atender a quinze Terreiros de Candomblé, localizados em Salvador, e a quatro comunidades negras litorâneas da região do Baixo Sul da Bahia, nos municípios de Camamu e Nilo Peçanha. O contato com essas comunidades negras e quilombolas trouxe novas articulações que apresentaram um potencial maior para o desenvolvimento do Projeto na região. Assim, em vez de trabalhar com quatro comunidades negras rurais, como planejado inicialmente, o Projeto passou a contemplar 22 comunidades localizadas nos municípios de Camamu, Nilo Peçanha e Igrapiúna.

Com duração de três anos, o projeto *“Capacitação e apoio ao desenvolvimento de Comunidades Negras Tradicionais no Brasil”* vem somar às iniciativas mundiais que contribuem para a realização das metas de desenvolvimento do milênio. Até 2010 serão promovidas ações que contemplarão diretamente mais de duas mil pessoas, entre elas mais de mil mulheres. Indiretamente, essas atividades alcançarão cerca de 17.500 pessoas.

O objetivo é apoiar ações afirmativas por Direitos Econômicos, Sociais, Culturais e Ambientais (DHESCA) das comunidades tradicionais na Bahia, visando à melhoria da qualidade de vida dessas populações, que vivem em situação de pobreza, têm limitados conhecimentos dos seus direitos, baixa inserção no mercado de trabalho e sofrem preconceitos.

Entre as ações realizadas ao longo do projeto estão: capacitação em direitos econômicos, sociais, culturais, gestão territorial e associativismo; oficinas de profissionalização em artes e ofícios (conhecimentos artístico-culturais); capacitação sobre alternativas de desenvolvimento local sustentável; reuniões de intercâmbio de comunidades; encontros de capacitação em saúde reprodutiva da mulher e HIV/AIDS; e promoção de seminários públicos.

## OFICINAS DE ARTES, OFÍCIOS E DIREITOS

Desde a implantação do projeto *“Capacitação e apoio ao desenvolvimento de Comunidades Negras Tradicionais no Brasil”* foram desenvolvidas, junto aos Terreiros de Candomblé de Salvador, oficinas de corte e costura, bordado, estética, culinária, toque de atabaque, serigrafia e artesanato em madeira (entalhe), todas voltadas à valorização dos saberes tradicionais afro-brasileiros e ministradas pelos mestres populares integrantes da religião. As oficinas foram ofertadas pelas Casas ao público por elas escolhido, convidando outras Casas e a comunidade circunvizinha.



*Oficina de capacitação  
para quilombolas e  
comunidades negras rurais  
do Baixo Sul da Bahia*

A valorização dessas artes e ofícios torna possível a manutenção e a difusão de parte do patrimônio imaterial da cultura afro, fortalecendo a própria religião. Outro ganho de elevada importância foi o afirmação do papel social de centros de desenvolvimento local que são os Terreiros de Candomblé espalhados por toda a cidade. As atividades de aprendizagem prática são entremeadas por momentos de discussão sobre direitos civis e territoriais, direito à saúde, à memória, ao meio ambiente, e até ao resgate de suas próprias histórias de vida, além de orientações e exercícios de autodiagnóstico das comunidades locais para enfrentamento de suas realidades. Cada ciclo de oficinas se encerra com a capacitação de seus representantes na elaboração de seus próprios projetos, dando-lhes condição para criação, implementação, reprodução e sustentabilidade das atividades.

Durante o ano de 2008, entre as oficinas promovidas aconteceram duas voltadas exclusivamente para jovens: serigrafia (Imprimindo a Identidade) e Oficina Integrada Odun Olá. Esta última teve como ponto alto a montagem e a apresentação de espetáculo cênico (dança e música) com o mesmo nome, no teatro do Centro Cultural de Plataforma - Subúrbio Ferroviário de Salvador. A experiência foi tão forte que a Oficina se transformou no Grupo Odun Olá.

## CAPACITAÇÃO E FORMAÇÃO PARA QUILOMBOLAS

Entre as atividades desenvolvidas pelo projeto junto às comunidades negras rurais e quilombolas do Baixo Sul da Bahia estão: a realização de oficinas de formação sobre temas como autoidentificação, direitos territoriais, civis e políticos; direito à memória, direitos em saúde e elaboração de projetos; produção

e publicação de notícias sobre a região; acesso a informações sobre as comunidades quilombolas do país e sobre atuações governamentais e políticas públicas; realização de estudos jurídicos, históricos e socioambientais; e criação e manutenção de um banco de dados sobre as comunidades atendidas na região.

Para a realização do trabalho na região contamos com a parceria e apoio do Sindicato de Trabalhadores Rurais (STR) de Camamu e do Sasop (Serviço de Assessoria a Organizações Populares Rurais), que nos dão base para realizarmos as capacitações e ações locais. Destaca-se, no ano de 2008, a etapa de formação de uma turma de multiplicadores que estão atuando em suas comunidades e nas comunidades vizinhas, divulgando as informações aprendidas. Além de formarem uma rede local de apoio às lideranças comunitárias, ajudam KOINONIA na organização, mobilização e monitoramento das atividades e fortalecem o trabalho do STR no atendimento a essa nova questão quilombola. A proposta do Sindicato é criar um departamento específico para tratar desse tema, contando com esses multiplicadores.





*Professora das oficinas de bordado, Itana Maria Ribeiro das Neves*

## C A N D O M B L É E D E S E N V O L V I M E N T O

*Desde 1999 o Programa Egbé Territórios Negros promove encontros chamados Almoços de Trabalho e Fraternidade, que reúnem os Terreiros de Candomblé atendidos por KOINONIA (média de 60 Terreiros, ou 120 pessoas por encontro) a cada quatro meses. Os textos que compõem este capítulo são resultado dos debates realizados nos encontros de novembro de 2007, de 5 de abril e de 23 de agosto de 2008. Esses textos, de autoria coletiva, refletem um consenso sobre a visão de desenvolvimento de representantes de 55 comuni-*

*dades de Terreiros de Candomblé de Salvador e sua região metropolitana. A estrutura dos textos apresenta, na primeira parte, uma reflexão sobre o tema e, na segunda, as demandas, reivindicações ou propostas das comunidades.*

*As demandas e reivindicações que aparecem nesses textos foram apresentadas, nos diversos painéis, por representantes escolhidos pelos Terreiros.*

Para nós, das Comunidades de Terreiros de Candomblé, um lugar desenvolvido é aquele em que as pessoas aprendem a compartilhar e a conviver auxiliando uns aos outros. É desenvolvido o lugar onde as pessoas caminham conjuntamente, aceitando e respeitando as diferenças para que possam ter uma vida digna, alegre, satisfeita, em harmonia consigo mesmo e com a natureza, independentemente dos problemas que ocorram.

Nos Terreiros, aprendemos, pela essência de nossa religiosidade de matriz africana, o respeito à hierarquia e às diferenças de nível econômico, de orientação sexual, entre homens e mulheres e outras, pois aprendemos a abraçar, compartilhar e ajudar na convivência com uma diversidade de pessoas. Por isso, vemos os Terreiros como lugares desenvolvidos, mesmo que enfrentem problemas.

A partir da experiência de nossas Casas, umas mais, outras menos, podemos afirmar que:

- Sempre levamos alimento para todos nas nossas festas, sem discriminar ninguém.
- Antes de se falar em ecologia e preservação, já cuidávamos das folhas, das águas, do fogo e das pedras, elementos vivos da natureza. Muitas de nossas casas têm fontes de água que devem ser preservadas.
- Nossa religião é extremamente inclusiva, e num lugar desenvolvido cabem não só casas de Candomblé, mas tam-

bém igrejas cristãs, centros espíritas, Terreiros de Umbanda... Porque num lugar desenvolvido as diferenças se integram, pois nós sabemos conviver com a diferença sem impor aquilo que somos.

- Em nossos Terreiros preservamos a cultura, como a nossa culinária, os nossos trabalhos manuais de costuras, de bordado, de toques de atabaque e outros que também desenvolvemos com os jovens que tiramos das ruas.
- Buscamos preservar a saúde com as folhas sagradas e levamos para a comunidade e o bairro mais esse serviço.

No entanto, convivemos com muitas dificuldades:

- De preservar e manter as áreas de nossos Terreiros, nosso território sagrado, ameaçado pelo crescimento urbano desordenado, devastado por gente sem harmonia com a natureza e, muitas vezes, agredido, destruído e desconsiderado nos projetos de desenvolvimento das cidades;
- De estabelecer parcerias com organismos governamentais e não-governamentais para ampliar nossos serviços de cursos e projetos culturais, capacitando para a geração de emprego e renda;
- De nos organizarmos em Associações Cívicas para enfrentar as exigências da vida nas cidades.

Essas dificuldades, entre outras, já mostram um bocado do difícil convívio que temos com uma compreensão de desenvolvimento diferente da nossa, muito presente na sociedade, e sobre a qual podemos dizer que:

- Não acreditamos só no progresso material. Não basta termos celulares, computadores, *shoppings*, asfalto e grandes obras. O desenvolvimento tem que contar com o bem-estar do ser humano;

- Não acreditamos que só o avanço da técnica consiga a harmonia com a natureza; ela deve ser preservada e cuidada, em primeiro lugar.

### *Entre nossos sonhos e a realidade*

Devemos garantir, agora e para o futuro, o nosso modo de vida em comunidade e aquilo que queremos para um lugar desenvolvido.

Trazemos da nossa história muitos aprendizados e vivências de cuidados com as pessoas e com a natureza aos quais queremos dar continuidade com atividades culturais, educativas, de união dos povos, de respeito aos mais velhos e aos ancestrais. Sabemos, também, que podemos melhorar para cada vez mais colaborarmos com um mundo desenvolvido.

Podemos aumentar a socialização com as comunidades em que estão situados nossos Terreiros, assim como podemos fazer crescer a associação entre os Terreiros, as organizações da sociedade e os governos. Além de compartilhar, com diferentes setores, a nossa tradição ancestral de boa relação com a natureza, também podemos aprender com novos métodos, por exemplo, de como lidar com plásticos e outros materiais que agridem a natureza.

Mas tudo isso necessita de cuidado e de leis que obriguem a todas e todos, inclusive os governos, a manter um conjunto de mecanismos acessíveis aos grupos sociais com o objetivo de criar bem-estar para a sociedade, respeitando a diversidade e as individualidades.

Por isso temos buscado, cada vez mais, participar das lutas por nossos direitos na sociedade, desejando que se realize o nosso sonho de ver o Brasil desenvolvido, com liberdade religi-

osa, sem preconceitos e com os direitos ao bem-estar garantidos para todas as pessoas.

## SAÚDE E DESENVOLVIMENTO

Saúde para nós não é só ausência de doença. Quando a pessoa nasce, sua cabeça foi cuidada por pelo menos dois orixás/inquices/voduns que auxiliaram no ato da criação, realizado pelo pai e pela mãe da criatura. É na cabeça que está a nossa essência e o nosso corpo todo é o lugar por onde passam as nossas bênçãos e energias, todas as formas de ligação com a natureza e com as divindades.

Para nós tudo é parte da natureza e tudo deve estar em equilíbrio. A doença e a não doença fazem parte de nossa presença no mundo. Por isso devemos nos cuidar e deixar que cuidem de nosso corpo para estarmos preparados para enfrentar os tempos, com doença ou sem ela.

É certo, então, que a saúde é tudo, é o corpo em equilíbrio, limpo, protegido, pronto para viver todas as situações, sem medo de estar desacompanhado, abandonado. Se estivermos bem preparados, as forças que nos acompanham e cuidam estarão conosco. É sempre uma via de mão dupla: nos cuidamos para estar em sintonia com as divindades, e cuidamos das divindades para que elas possam cuidar de nós. Tudo é cuidado! Tudo deve estar em equilíbrio, e isto é Saúde!

Porém, não é porque temos cuidados especiais religiosos que não precisamos dos cuidados da medicina, da saúde pública e das prevenções contra epidemias. Através desses meios temos melhores condições de manter nossos corpos bem preparados para a boa ligação com as divindades. Entendemos que há equilíbrios do corpo que só acontecem por

trabalhos espirituais, mas que há outros que precisam da ação humana.

Por esses motivos vemos muitas das coisas que fazemos como atividades de saúde, pois visamos esse equilíbrio geral do corpo. Nossos conhecimentos ancestrais devem ser valorizados e a sua existência divulgada.

Mas não atendemos só pessoas que são do Candomblé; cuidamos também de muitos que nos procuram buscando saúde do corpo e do espírito, pessoas que, na sua maioria, nem dizem que compartilham da nossa fé.

A pessoa que nos procura terá sempre um atendimento integral: um chá, um banho, um trabalho espiritual... Faremos tudo que estiver ao nosso alcance para que a pessoa reencontre seu equilíbrio geral, que é a sua saúde.

### *Desenvolvimento com saúde*

Uma proposta de desenvolvimento com saúde, do nosso ponto de vista, deve considerar as condições de equilíbrio do meio ambiente com as pessoas.

Nossa contribuição, para quem tem nossa fé, é integral, mas nunca deixamos de atender a quem nos procura, não importa qual seja sua religião. Temos conhecimentos milenares em nossas comunidades, principalmente aqueles sobre algumas ervas e chás, que podem ser aproveitados e usados pelas pessoas, ajudando na cura, e até mesmo substituindo remédios caros.

Mesmo dando nossa contribuição, também é necessário que os poderes públicos se dediquem às suas obrigações de atendimento de saúde para todos, nas áreas que habitamos e nas nossas Casas.

É necessária, também, uma melhor integração das ações dos agentes públicos com a nossa realidade, pois os preconceitos e a intolerância religiosa (importante lembrar que não concordamos que o contrário da intolerância seja simplesmente sermos tolerados, pois queremos ser respeitados) têm resultado em muitas ações injustas e desagradáveis, como, por exemplo, quando o agente de saúde do bairro é evangélico, ele não visita os Terreiros, e muitas vezes ignora nosso endereço. Outro exemplo é a pouca, ou quase nenhuma, integração das campanhas comunitárias de prevenção de epidemias com as nossas Casas, que poderiam ser orientadas e também orientar sobre temas como HIV/Aids, DSTs, dengue, e outras mais gerais, como a vacinação antipoliomielite. Isto sem falar das doenças mais específicas para o povo negro, como as informações relacionadas à anemia falciforme e ao controle de pressão arterial.

Nossas propostas são de criação de mecanismos de comunicação entre a saúde pública e as nossas Casas, de campanhas de prevenção tanto para nós como para os próprios agentes de saúde. É necessário capacitar estes agentes para que saibam como trabalhar com os Terreiros, e ao mesmo tempo, os Terreiros devem fazer sua parte, cuidando, por exemplo, de suas águas nas quartinhas<sup>4</sup>. Além disso, é preciso que as autoridades religiosas do Candomblé tenham livre acesso aos hospitais para tratar de doentes, como já acontece no Rio de Janeiro. Também entendemos que deve haver um conselho de Comunidades Tradicionais dos quais possamos participar como Comunidades para acompanhar e sugerir políticas públicas que atendam aos Terreiros de Candomblé. Esperamos que essas políticas possam

---

<sup>4</sup> Quartinhas são vasilhas de barro, no formato de moringas, onde se guardam águas utilizadas para fins rituais.

apoiar os Terreiros para que desenvolvam de forma mais ampla o papel de promoção da saúde pública que já fazem de modo tradicional.

Para acompanhar essa proposta, os Terreiros de Salvador poderiam reunir-se por regiões da cidade e criar um sistema mais participativo, descentralizado, do qual sairiam propostas e seriam desenvolvidas metodologias culturalmente mais adequadas para implementar políticas de saúde.

## ÁGUA, MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO

Para o povo das religiões de matriz africana, a religião, a água e o meio ambiente não podem ser tratados de forma separada, pela relação estreita de todos esses elementos, pois eles são Orixás/Inquices/Voduns que reverenciamos.

A religião respeita e reverencia o meio ambiente. A água é o líquido da vida. A água é um Orixá. A água se constitui na própria divindade. E dela depende toda nossa existência. As folhas, as matas, são divindades... Por exemplo, na Nação Keto se diz *Kosi...Kosi Ewê, Kosi Orixá* – sem folha não tem Orixá. Precisamos das folhas na nossa religião como do ar que respiramos. Precisamos das folhas para nossas obrigações: reverenciamos as matas. Para colher as folhas, temos que fazê-lo ritualmente, com respeito. Portanto, foi de fundamental importância, ao longo de sua história, que o povo de Candomblé tenha preservado o meio ambiente para continuar existindo enquanto religião.

A religião se desenvolveu nas áreas verdes da cidade. As casas tinham seus quintais grandes e muitas folhas que utiliza-

mos para os rituais. As que não tinham nos quintais, colhíamos nas matas. Hoje os Terreiros quase não têm mais áreas verdes; a cidade cresceu e os Terreiros diminuíram. As folhas estão sumindo porque os espaços estão sendo desmatados em função da construção civil. Hoje precisamos comprar a maioria das nossas folhas e isto se tornou um grande comércio. Porém, as pessoas que comercializam essas folhas não têm o cuidado de colher a quantidade necessária para a venda: elas coletam plantas em excesso e grande quantidade é jogada fora sem que seja utilizada.

As nossas divindades estão nas matas, rios, lagoas e no mar. Fazemos nas águas os rituais para Oxum, Oxumaré, Yemanjá... Sempre fizemos rituais para nossas divindades das águas... e precisamos continuar fazendo nossas oferendas nas águas. Para isso precisamos lutar para revitalizar os locais sagrados, a exemplo do Parque São Bartolomeu. É necessário assegurar a acessibilidade desses locais ao povo de Candomblé para que não aconteça o que aconteceu com o Dique do Tororó<sup>5</sup> depois que se transformou em ponto turístico. Lá não podemos mais colocar nossas oferendas para Dandalunda, para Aziri Tobossi, para Oxum, como sempre fizemos. Precisamos também garantir a conservação, a revitalização e a construção de fontes sagradas nos Terreiros e a criação de hortos florestais para que possamos assegurar o cultivo e a preservação das folhas que utilizamos em nossos rituais.

Achamos importante que o INGÁ – Instituto de Gestão das Águas e Clima (antiga SRH), KOINONIA e outras instituições criem ambientes de debates e esclarecimento, além de materiais

---

<sup>5</sup> O Dique do Tororó, tradicionalmente utilizado pelas religiões afrobrasileiras, depois de ser reformado em 1998 e tornado ponto turístico, não pôde mais ser utilizado para esse fim.

de divulgação e educação sobre a temática de preservação do meio ambiente. Nós podemos ser agentes multiplicadores.

### *Direito ao meio ambiente*

Relacionado à preservação do meio ambiente já existe um instrumento público que é a “Carta das Águas”, resultado de uma discussão promovida pelo INGÁ, na qual o povo de Candomblé teve voz para apresentar suas demandas. Nossas necessidades vão desde o replantio de folhas sagradas e manutenção e garantia de acesso do povo de Candomblé aos parques, até a identificação e revitalização das fontes públicas. Precisamos participar mais ativamente de fóruns de discussões, e chamar a atenção para a necessidade de o governo assegurar o disciplinamento da coleta indiscriminada de folhas para a comercialização. O Estado deve, também, manter áreas de preservação de folhas, com replantio das que estão em escassez nas cidades, com acesso garantido para religiosos de matriz afrobrasileira.

Nossa proposta é que sejam ampliados esses fóruns de debates para formar opinião e postura ecológica pelo povo de Candomblé.

Não podemos permitir que a especulação imobiliária degrade o último “restinho” de Mata Atlântica que temos na cidade e determine o que devemos fazer. Devemos, sim, nesses fóruns, trabalhar a conscientização sobre a necessidade de difundir nossa mentalidade ecológica e fazer com que possamos mudar a nossa postura, por exemplo, procurando utilizar produtos biodegradáveis nas nossas oferendas, para não agredir a natureza. Pertencemos a uma sociedade de consumo que faz uso dos avanços da vida prática e assim o Candomblé também é influenciado pela evolução dos tempos. Com isso, na condu-

ção das oferendas pode ocorrer uso de plásticos, porcelanas e vidros, que são extremamente agressivos ao meio ambiente. Esses objetos são lançados no meio ambiente por descuido, pressa, ou, até mesmo, desconhecimento das consequências. Devemos evitar colocar este material, como muitos de nós já estamos fazendo – porque não é isso que faz parte da oferenda que efetivamente é aceita pelo orixá –, para que nosso papel não seja invertido. Não podemos ser estigmatizados como segmento religioso que agride o meio ambiente que tanto preservamos e do qual dependemos. Precisamos continuar lutando pela defesa do meio ambiente e pela continuidade de nossa religião.

## TERRITÓRIO, LIVRE ASSOCIAÇÃO E DESENVOLVIMENTO

Olorum, Zambi, Mawu, o Senhor que mantém a criação de todas as coisas nos deu a Terra e todos nós temos direitos iguais a ela. Devemos explorá-la sem destruí-la, plantando, construindo e desenvolvendo atividades culturais e religiosas nos espaços conquistados e ocupados para a nossa sobrevivência.

Hoje sabemos que para nos mantermos é necessário fazer mais que ocupar os espaços, temos que fazer valer os nossos direitos legais, exercendo nossa cidadania.

O primeiro passo para evitarmos o perigo da violação territorial é criarmos a associação civil que nos permitirá combater a violação dos nossos direitos e ter um registro legal.

Nossas Casas são espaços abertos a um público que tem direitos que precisam ser garantidos. Mesmo havendo leis favoráveis, ainda nos cobram impostos e ainda há Casas que se extinguem porque os herdeiros se desentendem e não há um re-

gistro de associação para defender a comunidade. Temos que estar preparados para enfrentar muitas situações.

Se os Terreiros são espaços abertos ao público, não deveriam estar expostos à especulação imobiliária, a brigas de vizinhos, invasões, brigas de herdeiros, ameaças de cobranças de impostos, entre outras coisas. O registro da associação civil e depois o do território em nome da associação dão muitas garantias contra esses problemas.

### *Direito a Associação e à terra para termos desenvolvimento*

Sabemos que ao registrarmos associações teremos mais voz para garantir nossos direitos, mas mesmo para isso as coisas não são fáceis. Há muitas exigências burocráticas e há regras criadas na administração pública que não respeitam nem a Constituição. Elas atrapalham a livre criação das associações com exigências para registro – muito difíceis de cumprir para a maioria das nossas comunidades carentes – e não reconhecem os Terreiros como espaços públicos religiosos isentos de impostos.

Queremos políticas especiais dos poderes públicos que facilitem nossos registros, pois a administração pública precisam reconhecer nossos direitos como Comunidades Tradicionais.

Entendemos que com essas bases firmes poderemos continuar a ser comunidades que contribuem para o desenvolvimento da sociedade, cultuando nossa fé, desenvolvendo atividades culturais em nossos bairros, envolvendo a todo mundo sem olhar para quem. Assim, com associações e terra garantidas, não nos sentiremos ameaçados e sem condições de ter voz e vez diante dos poderes públicos, e com a garantia dos nossos direitos.

## LIBERDADE RELIGIOSA E DESENVOLVIMENTO

A liberdade é que nos une!

O respeito às diferentes religiões, o povo do Candomblé aprende em Casa, pois sempre convivemos encontrando com pessoas de outras nações dentro da nossa religião, o que propicia o respeito para a convivência com adeptos de qualquer religião.

Para nós a convivência com alguém que vive a religião de um jeito diferente do nosso começa no próprio Candomblé. Afinal somos muitos Candomblés, com nações diferentes e diversas maneiras de administração das Casas e cultos aos orixás. Não só somos de nações diferentes, como também as maneiras de cultuar nas nossas Casas mudam, nem que seja um detalhe aqui e outro ali... Se não respeitamos as diferenças não conseguimos conviver nem entre nós mesmos, como povo de Candomblé. É daí que nasce a nossa liberdade. Muitos de nós convivemos com cultos e santos católicos e isso deve ser respeitado dentro das nossas diferenças.

Como é possível a comunicação entre maneiras diferentes de sermos Candomblés? Graças a Exu ou Inzila ou Elegbara, o nome que tenha entre nós o Senhor de todo o movimento e de toda a comunicação e de todos os caminhos. É ele que permite e que nos ajuda a nos comunicarmos entre nós e também com qualquer religião... Entre nós, povo de Candomblé, sabemos que somos iguais e que vamos para o mesmo lugar após a morte, porque lembramos de todas as Nações quando alguém morre. Por que, então, não seríamos capazes de nos comunicarmos com quem é de outra religião? Somos sim. E sabemos que a liberdade é o fundamento de Exu ou Inzila ou Elegbara, aquele que movimenta o mundo, a comunicação e a nossa capacidade de nos relacionarmos como seres humanos.

A liberdade religiosa faz parte de tudo que acreditamos para a felicidade nesse mundo.

### *Fim da Intolerância, para o Desenvolvimento*

Infelizmente o que temos vivido no dia-a-dia não é um ambiente de liberdade religiosa. São muitos casos em que sofremos agressão em nome da religião, da fé de cristãos pentecostais, que não lembram em nada a mensagem de paz e vida do Cristo de que ouvimos falar... Não tem sido fácil para quem tem religião de matriz africana conviver com acusações de ser feiticeiro do mal, filho do diabo, e outras coisas que muitas vezes terminam até em caso de polícia, de agressão física. É um conflito religioso, cheio de intolerância e preconceito... Queremos a paz e a união, não o conflito, mas para isso também temos que fazer a nossa parte. Temos que assumir cada vez mais a nossa religião – mostrar nos censos, falar quando perguntam e exigir nosso direito à liberdade religiosa.

A nossa educação começa em Casa, em cada Terreiro. Mas precisamos que a liberdade religiosa seja garantida! Não basta que acreditemos na liberdade religiosa e que contra a intolerância afirmemos que cada ser humano foi criado por um Grande Ser criador de todas as coisas e não passamos de filhos e por isso somos irmãos – mesmo em religiões diferentes. A liberdade tem que ser garantida para podermos circular sem sermos agredidos, podermos fazer nossas oferendas sem sermos proibidos, termos os mesmos direitos que qualquer religião no Brasil.

A intolerância religiosa deve ser combatida e superada no Brasil. Somos irmãos e o amor entre irmãos deve ser cultivado, não a guerra e o ódio! Não é possível um lugar desenvolvido se nele existir a intolerância religiosa!

Para isso os poderes constituídos da nossa sociedade devem garantir que as leis sejam cumpridas e que ninguém seja discriminado por causa de sua opção religiosa: nas ruas, nas es-

colas, nos hospitais, em qualquer lugar. Precisamos que as leis que existem sejam cumpridas com igualdade entre as religiões. Por exemplo: não se pode cobrar impostos de templos afrobrasileiros e deixar outros de fora – a isenção é para todos; não se pode permitir agressões sem levar adiante a punição dos agressores. Se as autoridades fecharem os olhos para essa realidade é o mesmo que permitir que um dia as maiorias massacrem qualquer minoria, seja religiosa ou outra qualquer.

A liberdade é tudo!

Precisamos de mais diálogo também entre nós mesmos, dos Candomblés, sobre como ocupar os espaços dos poderes. Talvez possamos ser melhor representados por políticos que sejam de nossa religião porque nos entenderão de dentro, e não só como amigos de fora.

## SABERES TRADICIONAIS, MEMÓRIA E DESENVOLVIMENTO

No princípio tudo era contado de boca em boca, entre as divindades era assim... Do cochicho de uns nasceram amores, do sopro de outros nascemos nós... E ainda temos isso hoje. Nossa tradição ainda tem muito de história oral. É por ela que nos lembramos de nossas origens, que sabemos de nossos antepassados, de um tempo que nossa fé era praticada na África, que foi trazida para cá e de como nos adaptamos para viver nossa religião no Brasil. É também pela tradição oral que passamos os conhecimentos de nossos fundamentos e, na maioria das vezes, é pelas palavras e pela repetição que se faz a nossa educação na religião.

Hoje há muita coisa escrita e divulgada na internet, mas é em cada Casa que se aprende a cultuar de um jeito próprio.

Cada Casa desenvolveu-se com seus conhecimentos religiosos e eles são passados pela vivência e pela comunicação oral.

Quais são os conhecimentos que temos hoje e que são passados?

Além dos fundamentos da religião nas obrigações e nos rituais, temos o comportamento: o jeito de nos vestirmos, o jeito de vestirmos as divindades... Tudo é conhecimento passado dos mais velhos para os mais novos... Uma roupa, um adereço, uma cantiga, uma comida, tudo. Cada um é uma forma de arte que procuramos perpetuar. Ensinar e aprender essas artes é uma maneira de continuarmos existindo, das nossas comunidades sobreviverem.

Há também os conhecimentos sobre plantas, sobre cuidados com o corpo, sobre histórias das divindades e sobre os rituais, todos saberes de nossa tradição, africana e brasileira, passados pela prática e pela palavra.

Nossos saberes tradicionais são isso: arte e religião juntas!

Temos experimentado uma novidade: o aprendizado de coisas que são para nós tradicionais e que aproveitamos no Candomblé é um aprendizado que serve também para os outros. Temos feito oficinas sobre nossas artes com gente dos bairros em que vivemos e até evangélicos têm aproveitado nossos saberes para as suas vidas. Gente aprendendo bordados tradicionais afrobrasileiros, costuras tradicionais, culinária afrobrasileira, toques de atabaques, sem discriminação de religião. Isso tem sido usado para a vida, para conseguirem emprego ou para começarem negócios, ou para se sentirem melhores e capazes de realizar seus objetivos.

Entendemos que manter nossos conhecimentos e ensiná-los é um bem não só para nós, mas também para toda a sociedade.

Temos receio de perder muitas coisas de nossas histórias: documentos, fotos, registros como sociedades. Por isso precisa-

mos organizar aquilo que ajuda a guardar nossas tradições, coisas e imagens que não estão só na tradição oral. Há alguns Terreiros que têm memoriais de personagens importantes e de coisas antigas que ficaram marcadas, até em jornais e revistas. Nem todos temos condição de ter uma coisa maior, mas podemos organizar nossos documentos e materiais de nossas histórias. Para isso temos adquirido novos conhecimentos em algumas oficinas sobre o tema.

### *Apoio aos saberes tradicionais e memória para o desenvolvimento*

Podemos fazer melhor a nossa parte de divulgação dos nossos saberes e de nossa memória se mantivermos uma boa comunicação entre nós. Um Terreiro precisa saber o que ocorre no outro. Essa intercomunicação nos ajudaria até para nos defendermos mais. Os intercâmbios dos Terreiros são um fato e poderiam melhorar se tivéssemos um meio de comunicação melhor entre nós.

Por outro lado, é um erro expor muito o conhecimento do Candomblé para sair em livros e na internet... Existem pessoas exercendo o papel de pai e mãe-de-santo sem nem terem sido iniciadas. O próprio povo de Candomblé precisa se reeducar e tomar cuidado com o mau uso dos conhecimentos.

Se nossos saberes tradicionais, arte e religião ao mesmo tempo, são bons para nós e para a sociedade, eles são importantes para o desenvolvimento. São um serviço que prestamos à sociedade, à sua cultura e ao bem-estar das pessoas. Termos a nossa memória garantida é um direito que sempre exigiremos e é algo que deve ser considerado em qualquer proposta de desenvolvimento.

Nossa condição de ensinar e de guardar a memória precisa ser cuidada. Precisamos de recursos e de capacitações, tanto

para trocarmos informações e fazer circular nossos conhecimentos, como para apoio material para realizarmos o serviço público de ensinar as pessoas o que aprendemos de nossa cultura.

É fundamental o reconhecimento dos poderes públicos de nossas condições e de que não somos agentes invisíveis do bem-estar da sociedade.

## JUVENTUDE E DESENVOLVIMENTO

A força e a sabedoria da juventude é a mudança... Entre nós essa força vital está com a divindade Oxaguiã. Aquele que viveu a cabeça quente e a cabeça fria, aquele que desassossega os acomodados, que não espera menos dos seres humanos, que



*Oficina no Ilê Axé  
Oba Tony*

sempre aprendam e sempre se movimentem para construir o novo, que dêem o melhor de si mesmos. E aquele que alcançou o equilíbrio se atirando nas mudanças até conseguir o melhor para si e para os seus!

Sabemos que o lugar da juventude é o movimento, é o incômodo com quem está parado, é a busca da novidade, do aprendizado. Por isso mesmo temos muito que construir ainda para que os jovens tenham mais espaços e mais condições de serem eles mesmos em nossas comunidades. Muitas vezes os jovens não têm a educação que gostariam sobre as coisas tradicionais e, por isso, se sentem enfraquecidos. Sofrem com as críticas e com os enfrentamentos do dia-a-dia contra a sua religião; gostariam de expressar-se mais. Muitas vezes os mais velhos não dão espaço, não sabem acolher a força e a sabedoria do jovem. Os jovens se queixam que muitas vezes são criticados em público e se sentem desestimulados e humilhados. O que não impede a necessidade de os jovens aprenderem a respeitar os mais velhos, pela educação doméstica. É preciso valorizar as culturas diferentes, sem deturpações. As mães e pais de santo são educadores. Os mais velhos devem se unir, devem estar fortalecidos, pois às vezes uma Casa critica a outra e isso confunde o jovem. Entre nós deve-se manter o respeito às diferenças de rituais e não menosprezar os costumes de outra Casa.

Nossos Candomblés têm alternativas de participação para os jovens, mas isto precisa ser melhor organizado para também ajudarmos a ocupar a força dos jovens com coisas boas, fora da ameaça das drogas e da violência.

### *Corpo jovem e desenvolvimento*

É no corpo dos jovens que todos os nossos problemas e todos os nossos ganhos vão bater. Não podemos deixar de he-

rança uma sociedade sem que os jovens sejam ouvidos e sem que a sua força seja aproveitada para as mudanças e a construção de novas coisas.

Para que haja espaço para os jovens no desenvolvimento, todos os direitos têm que ser respeitados: associação, território, liberdade religiosa e a sua capacidade de expressão, de falar e se organizar.

O corpo dos jovens, a vida dos jovens, não podem ser violentados. Todo ser humano deve ter em conta a força da criação e a capacidade de diálogo entre os jovens e os mais velhos para enfrentar a vida. Assim nos ensinam as divindades e assim devemos aprender uns com os outros.

As organizações da sociedade e do poder público têm que ceder assento para os jovens que chegam com suas diferentes identidades. Para isso, os conselhos e organismos tradicionais devem ter espaço para a juventude também dos Candomblés. O exemplo deve ser dado pelas nossas Casas, criando espaços para os jovens participarem, se educarem e opinarem. Com isso criaremos capacidades para cada vez mais a juventude enfrentar seus problemas e ocupar espaços novos na sociedade, como membros do Candomblé.

## TERREIROS AUTORES DOS TEXTOS

Axé Abassá de Ogum

Casa Branca

Centro do Caboclo Boiadeiro

Centro do Caboclo Mina de Ouro

Centro Espírita Caboclo Itapoá

Ila Jibemie

Ilê Axé Oyá Alafumbí  
 Ilê Axé Abacáde Amaze  
 Ilê Axé Ajagonon Elegbo  
 Ilê Axé Alafumbí  
 Ilê Axé Alarabedê  
 Ilê Axé Anandeuy  
 Ilê Axé Araka Togun  
 Ilê Axé Awon Funfun  
 Ilê Axé Ayrá (Ilha de Mar Grande)  
 Ilê Axé Ewé  
 Ilê Axé Gezubum  
 Ilê Axé Giroqueme  
 Ilê Axé Ig Bonan  
 Ilê Axé Jagun Bomin  
 Ilê Axé Jfokan  
 Ilê Axé Jifulú  
 Ilê Axé Jitolobi  
 Ilê Axé Kalé Bokun  
 Ilê Axé Lofan Demim  
 Ilê Axé Loyá  
 Ilê Axé Maroketu  
 Ilê Axé Obá Furican - RioSena  
 Ilê Axé Obá Oyó  
 Ilê Axé Oba Tony  
 Ilê Axé Odé  
 Ilê Axé Odé G'min  
 Ilê Axé Odé Tolá  
 Ilê Axé Odé Tomi  
 Ilê Axé Ofá Omin  
 Ilê Axé Oiá Onipo Neto  
 Ilê Axé Onirê Ojuirê

Ilê Axé Oju Oji Odeican  
 Ilê Axé Olufan Anancidê Omin  
 Ilê Axé Omin Arin Massun  
 Ilê Axé Omin Dawassiliê  
 Ilê Axé Ominidê  
 Ilê Axé Omin Dólar  
 Ilê Axé Omin Funkó  
 Ilê Axé Omin J'Obá  
 Ilê Axé Omin Landê  
 Ilê Axé Omin Lonan  
 Ilê Axé Omin Nijá  
 Ilê Axé Onicofá Bonijá  
 Ilê Axé Opo Aja Omim  
 Ilê Axé Osun Yinká  
 Ilê Axé Oxossi Talami  
 Ilê Axé Oyá  
 Ilê Axé Oyá Tolá  
 Ilê Axé Taoyá L'oni  
 Ilê Axé Tobomin  
 Ilê Axé Tunadeni  
 Ilê Axé Unzó Monade Amean  
 Ilê Axé Yalode Osun Kare  
 Ilê Axé YáOmin  
 Ilê Yá Yalodeidê  
 Ilê Yíá Osshum  
 Kanzuá Monaleucí Un'Guinzo D'Unzambi  
 Nzo Bakisê Sasaganzuá Gongara Kaiango  
 Ñzo Sassaganzuá Mono Guiamaze  
 Nzo Tumbenci  
 Omin Nitá  
 Terreiro Aloyá

Terreiro Caboclo Catimboá  
 Terreiro Caboclo Itapoá  
 Terreiro de Oxum (CaminhodeAreia)  
 Terreiro de Yemanjá  
 Terreiro do Caboclo Prata  
 Terreiro dos Filhos de Kamaranguaje  
 Terreiro Guizo Mutalambô Junçara  
 Terreiro Guizo Mutalambo Junçara – EncarnaçãodeSalinas – BA  
 Terreiro Gurebetã Gome Sogboadã  
 Terreiro Ilê Axé Ibá Luga  
 Terreiro Junçara Kondirê  
 Terreiro Kawizidi Junçara  
 Terreiro Manso Dandalungua Cocuazenza  
 Terreiro Moitumbá Junçara  
 Terreiro Mucundeúá  
 Terreiro Mutalemim  
 Terreiro Ogum do Tempo  
 Terreiro Oia Matamba  
 Terreiro Olufanjá  
 Terreiro Oxossi Mutalambô  
 Terreiro Oxossi Talami  
 Terreiro Oyá Matambá  
 Terreiro Pena Branca  
 Terreiro Quisangano Aloly  
 Terreiro Tuumbaengongo Sara  
 Terreiro Tuumba Junçara  
 Terreiro Vintém de Prata  
 Terreiro Viva Deus Bisneto  
 Terreiro Viva Deus Filho  
 Terreiro Vodun Zo  
 Unzó Awiizidi Junçara  
 Unzó Kawiizidi Junçara





# COMUNIDADES NEGRAS RURAIS E QUILOMBADAS DO BAIXO SUL

*Oficina de  
capacitação  
para  
quilombolas e  
comunidades  
negras rurais  
do Baixo Sul  
da Bahia*

Desde o início do trabalho do Programa Egbé Territórios Negros junto às comunidades do Baixo Sul da Bahia conversamos sobre que tipo de desenvolvimento essas comunidades desejam. Refletimos durante os vários momentos de formação que tivemos, no decorrer de dois anos de trabalho, sobre as principais questões que precisam ser levadas em consideração ao pensar propostas de desenvolvimento voltadas para a sua realidade.

Os representantes das comunidades com as quais trabalhamos apresentam como um dos maiores obstáculos para os avanços e melhorias na qualidade de vida, a falta de diálogo com o poder público. Foi este um dos fatores que nos impulsionou na realização do seminário, no qual os representantes das comunidades foram para o diálogo direto com os representantes dos poderes públicos (municipal, estadual e federal). Este foi o formato do seminário – painéis nos quais as primeiras falas eram dos representantes das comunidades, possibilitando que estas fossem ouvidas e que, por sua vez, ouvissem dos representantes públicos os compromissos que assumiam frente às demandas colocadas.

Como um dos resultados das reflexões preparatórias, apresentamos abaixo um texto produzido pelas dezoito comunidades negras rurais do Baixo Sul da Bahia dias antes do Seminário, intercalado com as demandas apresentadas pelas mesmas durante o evento.

O processo de organização das demandas aconteceu no primeiro dia do seminário. Estiveram debatendo, durante horas, apenas os representantes das comunidades, junto à assessoria de KOINONIA. Este momento foi de extrema importância, pois serviu também para apontar temáticas para os próximos momentos de reflexão e capacitação previstos em nossa agenda de trabalho com aquelas comunidades.

## O DESENVOLVIMENTO QUE QUEREMOS

Para nós, comunidades negras rurais e quilombolas do Baixo Sul da Bahia, desenvolvimento é quando avançamos todos juntos. É tudo aquilo que conquistamos, como estradas, eletricidade, água, educação, saúde etc. O desenvolvimento traz

alegria para a comunidade e faz com que as pessoas não precisem mais sair de suas localidades em busca de uma vida melhor. O desenvolvimento econômico é importante, mas em primeiro lugar deve vir a valorização das pessoas, a educação e o respeito ao meio ambiente. Só assim teremos um desenvolvimento sustentável, possibilitando às pessoas exercerem, de fato, a sua cidadania.

## ORGANIZAÇÃO, UNIÃO E LUTA POR DIREITOS

A organização das comunidades faz parte do desenvolvimento porque assim estaremos buscando algo para melhorar nossas vidas. O primeiro passo para a busca pelo desenvolvimento é a união - quando estamos todos juntos podemos lutar por nossos direitos. Por isso, consideramos que um lugar desenvolvido é onde há união na associação; é onde a comunidade discute as ações e se dispõe a buscar recursos, reivindicando direitos e deveres, sem separação de cor e classe social. A partir do momento em que as comunidades se identificam como quilombolas é necessário que se unam para lutar pela garantia dos seus direitos.

## REPRESENTAÇÃO QUILOMBOLA

Ainda não temos a representação quilombola na região, mas temos associações de agricultores familiares. Precisamos entender o que é mais fácil para representar as áreas: associação, cooperativa, ou movimento.

Em Ituberá foi criada uma associação-mãe das cinco associações quilombolas do município. Em Nilo Peçanha, as comu-

nidades de Jatimane e Boitaraca estão ainda em processo de amadurecimento sobre a questão quilombola. Em Camamu existem mais de 30 associações, mas nenhuma tem o estatuto de quilombola. É importante reunir os municípios da região numa representação só.

## O PRIMEIRO DESENVOLVIMENTO É TER A TERRA

O desenvolvimento não pode existir somente na cidade. É preciso que haja desenvolvimento em nossa região. Temos que desenvolver o que temos. Não é somente ter asfalto, energia, lazer, uma casa boa, e não ter a terra para trabalhar. Sem a terra para trabalhar, não temos o desenvolvimento. Precisamos garantir nossas terras para que esse desenvolvimento que queremos possa ir adiante.

### *Titulação e demarcação das Terras*

As áreas quilombolas precisam ser demarcadas e as comunidades devem receber os benefícios do governo federal.

Por outro lado, é difícil avançar na questão da titulação coletiva porque muitos não aceitam ser qualificados como quilombola. Isso acontece pela falta de conhecimento e de informação. Uma solução que foi encontrada para este debate é separar, na demarcação, aqueles que querem e os que não querem ser quilombolas.

O Sindicato de Trabalhadores Rurais de Camamu está se preparando para atender melhor as comunidades no que diz respeito aos direitos territoriais e à toda a temática quilombola.

Faz parte desta preparação a formação de multiplicadores, que está acontecendo em parceria com KOINONIA.

## PAINEL POLÍTICAS TERRITORIAIS E TERRITÓRIO

### *Titulação e Demarcação de Terras*

- As áreas quilombolas precisam ser demarcadas. É o pontapé inicial, é nossa principal reivindicação.
- As áreas precisam ter os benefícios do governo federal. As próximas prioridades, depois da titulação e demarcação, são as estradas vicinais e o acesso à compra antecipada da CONAB.
- As comunidades precisam compreender melhor o que é a titulação quilombola – é preciso investir mais na informação e formação das comunidades. Como o governo pode promover essa informação e essa formação?
- Como o governo está lidando com as áreas quilombolas que têm títulos rurais já expedidos?
- As áreas com conflito agrário (com fazendeiros) devem ser as prioritárias para iniciar o processo com o INCRA.

## PRODUÇÃO FAMILIAR

Para ter desenvolvimento é preciso ter condições de saúde, de educação, e de gerar renda com a produção familiar. O beneficiamento dos produtos da roça, para chegarem até o mercado, é importante no desenvolvimento que queremos. Temos também a pesca, que é de onde muitas famílias tiram seu sustento. O desenvolvimento que queremos é aquele no qual as famílias têm condições de produzir sem exploração.

PAINEL POLÍTICAS TERRITORIAIS E TERRITÓRIO<sup>6</sup>

*Produção familiar – beneficiamento  
e comercialização dos produtos*

- Precisamos de fábricas de beneficiamento de frutas (agroindústria)
- Pequenas unidades familiares de beneficiamento
- Estradas para escoar a produção
- Ampliar a participação no PAA (Programa de Aquisição de Alimentos) da CONAB para todas as áreas de agricultores familiares e quilombolas
- Ampliar o número de entidades cadastradas no PAA para receber os produtos

ENERGIA ELÉTRICA

A falta de energia elétrica é um problema em muitas comunidades. Se queremos implantar sistemas de beneficiamento da produção, vamos precisar da energia. Quando a energia elétrica chegou a algumas comunidades, teve gente que desistiu de abandonar as terras. A energia elétrica traz, também, mais alegria para as comunidades e um dos fatores que faz com que os jovens queiram sair das comunidades é a falta de energia.

MEMÓRIA, CULTURA,  
CONHECIMENTOS TRADICIONAIS

Em Camamu temos muitos registros do período da escravidão. Existem muitos documentos na Prefeitura. Precisamos

---

<sup>6</sup> *Idem* 1.

resgatar essa documentação e fazer uma pesquisa sobre a questão da escravidão em nosso município.

Existem crenças e brincadeiras em nossa cultura local. Precisamos fazer com que esses costumes nunca morram. Comédias, danças afro, histórias, Bumba-boi fazem parte de nossa identidade quilombola. Mas há pessoas que têm vergonha de sua cultura.

É muito importante resgatar a cultura. Uma das razões pela quais os jovens saem da zona rural é porque não há espaço para a cultura. Na época de São João os jovens vão para a cidade, mas se houvesse festa em suas comunidades eles não precisariam ir. As associações podem organizar as festas tradicionais. A comunidade de Barroso faz panelas de barro. Recentemente a comunidade participou de um projeto promovido pelo Serviço de Assessoria às Organizações Populares Rurais (Sasop) para resgate cultural, com intercâmbios entre comunidades. A partir daí os moradores de Barroso voltaram a trabalhar com o barro.

### PAINEL PATRIMÔNIO CULTURAL E CONHECIMENTOS TRADICIONAIS<sup>7</sup>

#### *Memória, cultura e conhecimentos tradicionais*

- Precisamos resgatar a documentação e os registros sobre o período da escravidão, que existem nas prefeituras, fóruns e outros locais.
- Onde e como as associações e grupos culturais podem buscar financiamento para o trabalho de resgate cultural?

<sup>7</sup> Durante o seminário, o tema do tópico acima foi abordado durante o Painel Patrimônio Cultural e Conhecimentos Tradicionais.

- Como reforçar as práticas de resgate cultural que já estão sendo feitas pelas cooperativas, associações e grupos culturais?
- Como as comunidades podem ter apoio para continuar, ampliar e reforçar o trabalho com plantas medicinais e conhecimentos tradicionais sobre saúde?

## EDUCAÇÃO DIFERENCIADA

Precisamos de uma educação diferenciada. Queremos saber nossa história. A escola é o ponto principal para resgatar nossa cultura, mas se os professores são de fora da comunidade isto não acontece. Assim, é indispensável que haja capacitação dos professores sobre a temática quilombola. Em Boitaraca, foi por meio da escola que se resgatou a cultura da dança da velhinha. Temos sido objeto de pesquisas de muitos estudiosos, mas não recebemos retorno desses trabalhos.

### PAINEL POLÍTICAS DE EDUCAÇÃO E SAÚDE<sup>8</sup>

#### *Educação*

- Os professores precisam de capacitação sobre a questão quilombola para resgatar essa cultura e história com seus alunos.
- Sabemos que existem políticas específicas para educação nas áreas quilombolas. Como está essa atuação, já que nunca fomos atendidos em nossas áreas?

<sup>8</sup> Durante o seminário, o tema do tópico acima foi abordado durante o Painel Políticas de Educação e Saúde.

- Não temos materiais didáticos com nossa história.
- Precisamos de informática nas escolas e telecentros nas comunidades.
- Precisamos de bibliotecas nas escolas e nas comunidades.
- EFA – Escola Família Agrícola: Precisamos de apoio para a manutenção dessa escola. Qual a política do governo para a EFA? Como ela pode receber os mesmos recursos das outras escolas sem perder sua autonomia? Nossa proposta é que o MEC reconheça a EFA como escola que atende a uma população diferenciada.

## SAÚDE

### *Plantas Medicinais e atendimento à saúde*

Usamos nossas plantas para primeiros socorros. Nossas avós cuidavam das pessoas com plantas medicinais. Hoje, as comunidades de Dandara, Pimenteira, Marimbondo e Barroso produzem diversos medicamentos, como pomada de babosa e vermífugo, utilizando esse conhecimento. Tudo é produzido em nossas casas para consumo interno. O atendimento à saúde formal nas comunidades não é bom. Raramente há visitas de médicos e os agentes de saúde são cobrados pelas comunidades, mas pouco podem fazer.

#### PAINEL POLÍTICAS DE EDUCAÇÃO E SAÚDE<sup>9</sup>

##### *Saúde*

- É preciso rever a política de saúde na região.
- Saúde da Família – o sistema é ruim, precisa melhorar. Há

<sup>9</sup> *Idem* 4.

lugares onde não existe posto, precisa implantar. Em outros lugares, os que existem precisam ser ampliados.

- Agentes Comunitários de Saúde – há necessidade de mais agentes, mais treinamento desses agentes e melhores condições para seu trabalho.

## MEIO AMBIENTE E ÁGUA

### *Lixo e saneamento básico*

Um problema comum a todas as comunidades é o recolhimento e a destinação do lixo. Esses serviços não existem. Outro problema é a falta de saneamento básico, especialmente de tratamento de esgoto. Em Jatimane, por exemplo, o esgotamento sanitário é despejado todo direto no rio.

### *Águas*

Com a falta de saneamento básico a qualidade das águas nas comunidades fica comprometida. Algumas comunidades protegem as fontes e nascentes localizadas no município de Camamu, evitando queimadas e desmatamento. Mas não adianta protegermos as nascentes, se as águas depois são poluídas. Precisamos de biodigestor ou outra alternativa de tratamento dos resíduos. Estamos preocupados também com o lençol freático.

### *Desmatamento*

Em toda a região, especialmente na área da comunidade de Barroso, a maior preocupação é com o desmatamento. Existe muita venda ilegal de madeira, cerca de dez caminhões saem daquela área, por semana, transportando madeira. Pessoas importantes, ligadas à política municipal, estão envolvidas, por isso a comunidade fica com medo. As estradas também são prejudi-

cadadas com o transporte da madeira. Há mais de três anos, o Conselho Municipal de Meio Ambiente foi desativado em Camamu devido às denúncias feitas pelo Sindicato de Trabalhadores Rurais da região. Mesmo assim, a população já denunciou o caso ao Ibama e ao Ministério Público.

PAINEL MEIO AMBIENTE, ÁGUA E  
DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL<sup>10</sup>

*Meio Ambiente*

- Lixo: Nas comunidades não há o serviço de recolhimento e destinação do lixo.
- Esgoto: Não existe saneamento básico nas comunidades.
- Águas: precisamos de apoio para a proteção das nascentes e para o tratamento da água.
- Desmatamento: precisamos de fiscalização do desmatamento na região. Queremos resposta do Ibama e do Ministério Público.

INTOLERÂNCIA RELIGIOSA<sup>11</sup>

Existe muita intolerância contra as religiões de matriz africana. Muitas vezes as pessoas escondem que são dessas religiões para não serem discriminadas. Agora, com os debates sobre a identidade quilombola, esses assuntos também estão aparecendo.

---

<sup>10</sup> Durante o seminário, o tema do tópico acima foi abordado durante o Painel Meio Ambiente, Água e Desenvolvimento Sustentável.

<sup>11</sup> Durante o seminário, o tema do tópico acima foi abordado durante o Painel Combate ao Racismo e Intolerância Religiosa.

PAINEL COMBATE AO RACISMO  
E INTOLERÂNCIA RELIGIOSA

*Intolerância religiosa*

- Precisamos criar espaços de diálogo, educação e conhecimento sobre as diversas religiões.
- Precisamos ter mais incentivo para que as pessoas conheçam a verdade sobre as religiões de matriz africana e percam os preconceitos com relação a elas.
- Precisamos de mais intercâmbio e conhecimento sobre esse assunto.
- Todos têm direito à liberdade religiosa.



*Oficina de capacitação  
na comunidade de  
Barroso - Camamu (BA)*

COMUNIDADES NEGRAS RURAIS E  
QUILOMBOLAS PRESENTES NO  
SEMINÁRIO E AUTORAS DO TEXTO

Abóbora

Barro Vermelho

Barroso

Boitaraca

Brejo Grande

Dandara dos Palmares

Garcia

Jatimane

Lameiro

Laranjeiras

Pedra Rasa

Pimenteira

Porto do Campo

Pratigi

Quitungo

Ronco

Sítio do Mato

Terra Seca





*Apresentação  
do grupo  
Odun Olá*

# SEMINÁRIO COMUNIDADES NEGRAS TRADICIONAIS COMO AGENTES DE DESENVOLVIMENTO

## SOBRE O SEMINÁRIO

“Comunidades negras tradicionais como agentes de desenvolvimento” foi o resultado de um período de articulações e reflexões de Terreiros de Candomblé de Salvador e de Comunidades Negras Rurais e Quilombolas da região do Baixo Sul da Bahia, iniciado no ano de 2007.

Após vários encontros e produção coletiva de textos que compõem o diagnóstico da realidade local relativos à pergunta “qual o desenvolvimento que queremos?”, era chegado o momento de dialogar com órgãos governamentais sobre as principais reivindicações dessas populações. KOINONIA – em parceria com o Instituto Nacional da Tradição e Cultura Afro-Brasileira (Intecab/BA) e o Instituto de Gestão das Águas e do Clima (INGÁ) – buscou construir mecanismos eficientes de diálogo e negociação entre diferentes esferas de governo e os agentes das comunidades. O Seminário mostrou-se uma alternativa democrática para tal, favorecendo também a visibilidade dos compromissos assumidos publicamente pelo Estado.

Abaixo relacionamos as comunidades presentes, o que aconteceu, e uma lista de compromissos assumidos pelas autoridades públicas participantes do Seminário.

## PARTICIPANTES

### COMUNIDADES NEGRAS TRADICIONAIS REPRESENTADAS NO SEMINÁRIO

#### *Comunidades negras rurais e quilombolas do Baixo Sul da Bahia*

Abóbora (município de Camamu)

Barro Vermelho (município de Camamu)

Barroso (município de Camamu)

Boitaraca (município de Nilo Peçanha).

Brejo Grande (município de Ituberá)

Dandara dos Palmares (município de Camamu)

Jatimane (município de Nilo Peçanha).  
Garcia (município de Camamu)  
Lameiro (município de Camamu)  
Laranjeiras (município de Igrapiúna)  
Pedra Rasa (município de Camamu)  
Pimenteira (município de Camamu)  
Porto do Campo (município de Camamu)  
Pratigi (município de Camamu)  
Quitungo (município de Maraú)  
Ronco (município de Camamu)  
Sítio do Mato (município de Maraú)  
Terra Seca (município de Camamu)

### *Terreiros de Candomblé de Salvador*

Axé Abassá de Ogum  
Axé Oxumarê  
Casa Branca  
Manso Dandalugua Cocuazenza  
Ilê Axé Omin Ninjá  
Ilê Axé Airá  
Ilê Axé Ajagunon Elegbo  
Ilê Axé Alafumbí  
Ilê Axé Alarabedê  
Ilê Axé Anandeyui  
Ilê Axé Gezubum  
Ilê Axé Ig Bonan  
Ilê Axé Jfokan

Ilê Axé Jitolobi

Ilê Axé Kalé Bokum

Ilê Axé Obá Tony

Ilê Axé Odé Gmin

Ilê Axé Odé Tolá

Ilê Axé Ofá Omin

Ilê Axé Oiá Onipó Neto

Ilê Axé Ojuirê

Ilê Axé Olufan Anancidê Omim

Ilê Axé Olufanjá

Ilê Axé Omin Ewá

Ilê Axé Omin Funkó

Ilê Axé Omin J'Obá

Ilê Axé Omin Landê

Ilê Axé Omin Lonan

Ilê Axé Omo Ofá Loke

Ilê Axé Onicofá Bonijá

Ilê Axé Oyá

Ilê Axé Oyá Matamba

Ilê Axé Oyó Bomin

Ilê Axé Tunadení

Terreiro Vintém de Prata

Ilê Axé Yalodeidê

Ilê Axé Yiá Osshum

Kansua Monaleuci

Nzo Sasaganzuá Mono Guiamaze

Terreiro Aloíá

Terreiro Boiadeiro de Jussara  
Terreiro Caboclo Catimboiá  
Terreiro de Oxum  
Ilê Oba do Cobre  
Terreiro Guerebetã Gume Sogboadã  
Terreiro Ilê Axé Oyh  
Terreiro Kawizidi Junçara  
Terreiro Mokambo  
Terreiro Oxossi Mutalambô  
Terreiro Pena Branca  
Terreiro São Roque  
Terreiro Tumba Junçara  
Terreiro Viva Deus Bisneto  
Terreiro Viva Deus Filho  
Terreiro Vodun Zo  
Unzô Bankisê  
Unzo Sasaganzuá Kakitembo Kiatala Mba Katuala.

## ÓRGÃOS GOVERNAMENTAIS PRESENTES

Secretaria Municipal da Fazenda  
Secretaria Municipal da Reparação  
Secretaria Municipal de Saúde  
Secretaria de Cultura do Estado da Bahia/Fundação Pedro Calmon  
Secretaria de Educação do Estado da Bahia – Coordenação de Diversidade

Secretaria de Promoção da Igualdade (Sepromi)

Secretaria de Relações Institucionais do Governo da Bahia  
Superintendência Estadual de Vigilância e Proteção da Saúde

Incra (Instituto de Colonização e Reforma Agrária) – Superintendência Bahia

Ministério da Educação – Secretaria de Educação Continuada e Diversidade (SECAD)

Ministério do Desenvolvimento Social



*Seminário Comunidades  
Negras Tradicionais  
como Agentes de  
Desenvolvimento*

## PROGRAMAÇÃO DO EVENTO:

*Realizado nos dias 29, 30 e 31 de outubro.*

### **1º dia**

Reunião dos agentes de desenvolvimento para revisão dos temas e propostas a serem debatidos durante o Seminário.

### APRESENTAÇÃO DE CAPOEIRA E SAMBA DE RODA

Realizada pelo Arte Brasil Capoeira, grupo que atua no Bairro Nova Brasília, região da Lagoa do Abaeté, Itapoã, Salvador (BA), em parceria com o Terreiro Viva Deus Bisneto (Terreiro de Candomblé de origem Angola). O grupo desenvolve trabalhos de capoeira, maculelê, samba de roda e puxada de rede no “Espaço Arte Brasil Capoeira: Cativeiro”. O trabalho é desenvolvido com um grupo de crianças, adolescentes e jovens desde 2002 e encontra-se em fase de ampliação. O Arte Brasil tem ajudado na formação desse público como cidadãos, reforçando a consciência dos valores culturais afrodescendentes. O grupo é convidado com frequência a se apresentar em eventos como encontros de cultura, de Terreiros de Candomblé, seminários e caminhadas. Além disso, todos os anos, promove uma grande apresentação no bairro.

#### **Associação de Capoeira Arte Brasil**

(71) 3375-3544 / e- mail: artebrasilcapoeira@gmail.com

Responsável: Antônio César do Rosário Pinheiro

### **2º dia**

#### **Painel 1: Políticas de Educação e Saúde**

Gigio (Eldon Lage) – *Unzó Nsumbo Tambula Dicoa Meia Dandalunda* – Terreiro São Roque

Andréa Mendes do Rosário – *Comunidade Jatimane (Nilo Peçanha)*

Maria Auxiliadora Lopes – *Ministério da Educação e Cultura – Assessora Técnica da Coordenação Geral de Diversidade/Secretaria de Educação Continuada e Diversidade*

Nádia Cardoso – *Secretaria Estadual de Educação – Coordenação de Diversidade Negra, de Gênero e de Sexualidade*

Lorene Silva Pinto – *Secretaria Estadual de Saúde – Superintendente de Vigilância Sanitária*

Denize Ribeiro – *Assessoria de Promoção de Equidade Racial em Saúde – Secretaria Municipal de Saúde/Salvador (BA)*

Coordenação da mesa: Mara Vanessa Fonseca Dutra – *Egbé Territórios Negros – KOINONIA*

### **Painel 2: Meio Ambiente, Água e Desenvolvimento Sustentável\***

Elias Oliveira da Conceição – *Terreiro Olufanjá*

José Ramos – *Comunidade Porto do Campo (Camamu)*

Aderval Costa Filho – *Ministério de Desenvolvimento Social*

Claudia Oliveira – *INGÁ*

Coordenação da mesa: Jussara Rêgo (*Egbé Territórios Negros – KOINONIA*)

### **Painel 3: Políticas Territoriais e Território**

Mãe Marlene – *Terreiro Vintém de Prata*

José Domingos Santos Rosa – *Comunidade Garcia (Camamu)*

---

\* O Ministério Público, que seria representado por Ramiro Rockenbach, não enviou representante.

Andrezito Souza – *Coordenação Estadual de Territórios (Representante da Sociedade Civil)*

Flávio Assiz – *Coordenador do Serviço de Regularização dos Territórios Quilombolas – INCRA/BA*

Maísa Flores – *Coordenadora de Articulação Interinstitucional – Secretaria Estadual de Relações Institucionais*

Sandro Correia – *Secretário – Secretaria Municipal de Reparação (SEMUR)*

Susi Maria Ramos Gomes – *Secretaria da Fazenda do Município, Análise Fiscal*

Coordenação da mesa: Ana Gualberto – *Egbé Territórios Negros – KOINONIA*

#### APRESENTAÇÃO ODUN OLÁ

É uma mostra do resultado da oficina promovida pelo Ilê Axé Kalé Bokun em parceria com KOINONIA. Durante o curso, jovens do subúrbio ferroviário do bairro de Plataforma experimentaram a dança, a música, trabalhos manuais (elaboração de figurinos e de adereços) e culinária afrobaiana. O objetivo da oficina Odun Olá – Vivenciando a Ancestralidade, foi transmitir a pedagogia do Candomblé – aprender fazendo – e mostrar um pouco do que é essa ancestralidade por meio da linguagem artística, a partir do contato com a simbologia ritualística, respeitando o universo sagrado transcendente relacionado ao cotidiano dos Terreiros. A partir da oficina, realizada em 2008, foi formado um grupo permanente chamado Odun Olá. O grupo vem se apresentando em diversos eventos culturais realizados em Salvador.

Mais informações sobre o grupo: [www.gigafoto.com.br/odunola](http://www.gigafoto.com.br/odunola)

### 3º dia

#### **Painel 4: Combate ao Racismo e à Intolerância Religiosa**

Dona Moça (Virgínia Santos) – *Comunidade Pimenteira (Camamu)*

Ialorixá Jaciara dos Santos – *Axé Abassá de Ogun*

Genny Ayres, *Assessora Especial – Secretaria de Promoção da Igualdade (SEPROMI)*

Sandro Correia – *Secretário – SEMUR*

Coordenação da mesa: Jussara Rêgo – *Egbé Territórios Negros – KOINONIA*

#### APRESENTAÇÃO DE

#### “COMÉDIAS TRADICIONAIS” DO BAIXO SUL

Foram apresentadas duas pequenas “comédias”, nome que a comunidade quilombola de Jatimane (município de Nilo Peçanha) dá às pequenas encenações cantadas e teatralizadas que resgataram com os mais velhos. As comédias são parte do repertório do Grupo Renovação, formado por jovens que querem buscar as raízes de sua tradição, de sua cultura, e desenvolver a linguagem artística. As duas comédias apresentadas foram “A Baiana” e “Moça da Varanda”, escolhidas por representarem parte da cultura tradicional do Baixo Sul.

#### **Painel 5: Patrimônio Cultural e Conhecimentos Tradicionais**

Leonel Monteiro – *Ilê Axé Ewê*

Marisa Santos da Silva – *Comunidade de Dandara dos Palmares (Camamu)*

Ubiratan Castro – *Fundação Pedro Calmon – SEC*

Aderval Costa Filho – *Ministério do Desenvolvimento Soci-*

*al/Secretaria de Articulação Institucional e Parcerias*

*Raimundo Konmananjy – Conselho de Comunidades e Povos Tradicionais*

*Maísa Flores – Secretaria de Relações Institucionais*

Coordenação da mesa: ENVIAREI EM BREVE

### EXPO-FEIRA E INTERVENÇÕES DE MÚSICA E DANÇA

Ao longo do seminário, nos momentos de intervalo (lanche da manhã e da tarde, horário de almoço e fim de tarde) aconteceu uma Expo-feira com produtos artesanais das comunidades presentes: bordados, roupas, adereços e bijuterias feitos pelos Terreiros de Candomblé e pelas Comunidades Negras Rurais do Baixo Sul da Bahia. O objetivo dessa expo-feira era de promover intercâmbio cultural – mostrar o que as comunidades estão fazendo, produzindo – e também vender e/ou fazer/receber encomendas.

No segundo dia do seminário, os painéis foram iniciados com intervenções artísticas de dança, feitas pelo bailarino Evandro Melo, do Grupo Odun Olá.

No terceiro dia, quem fez essas “costuras” inter-painéis foi o músico e bailarino João Teles, no papel de Exu, o orixá da comunicação, tocando saxofone e convocando as pessoas para voltar para o salão.

### METODOLOGIA DO SEMINÁRIO:

- Cada representante de comunidade negra rural e de Terreiro dispôs de dez minutos para exposição de suas demandas.
- Em seguida, representantes dos poderes públicos utilizaram o mesmo tempo para fazerem suas exposições.

- INGÁ – Simultaneamente, o sistematizador registrava os compromissos anunciados nas falas destes últimos. Em seguida, essas sistematizações eram projetadas no telão, sob forma de compromissos assumidos, para que os representantes e o público em geral pudessem conferir seu conteúdo.
- Após a exibição dos compromissos, abria-se a plenária para colocações, limitando cada fala ao tempo de um minuto.



*Participantes de  
comunidades negras  
rurais e quilombolas*

## COMPROMISSOS

O seminário Comunidades Negras Tradicionais como Agentes de Desenvolvimento resultou em uma lista de compromissos assumidos com os participantes pelas autoridades presentes. Abaixo segue uma versão editada da lista.

### COMPROMISSOS ASSUMIDOS PELOS ÓRGÃOS GOVERNAMENTAIS PRESENTES

#### *Pela Coordenação de Diversidade da Secretaria de Educação do Estado da Bahia*

- Executar a Lei 10.639/2003 e formar professores para os currículos das relações étnico-raciais e história e cultura afrobrasileira, em Salvador e no Baixo Sul (BA);
- Criar condições para que as comunidades de Terreiros façam parte do Fórum Estadual de Educação na Bahia;
- Levantar as demandas de educação, saúde e direito fundiário nas comunidades quilombolas.

#### *Pela Coordenação Geral de Diversidade e Inclusão, Secretaria de Alfabetização Continuada e da Diversidade do MEC*

- Fomentar a produção de material didático para as comunidades quilombolas;
- Formar professores de acordo com a Lei 10.639/2003 e para as classes multisseriadas;

- Informar sobre os financiamentos diferenciados para a merenda escolar nos municípios com presença de quilombos.

*Pela Superintendência Estadual de Vigilância e Proteção da Saúde*

- Favorecer a participação das comunidades negras tradicionais nos Conselhos de Saúde e nos Comitês do Estado;
- Promover educação para diversidade entre agentes da Secretaria de Saúde;
- Realizar ações especiais sobre o caso da leishmaniose no Baixo Sul.

*Pelo GT Saúde da População Negra, Secretaria Municipal de Saúde – Salvador*

- Fomentar a valorização dos conhecimentos tradicionais das religiões de matriz africana;
- Dar continuidade à realização de oficinas e feiras de saúde junto aos terreiros;
- Ampliar a representação das religiões de matriz africana no Conselho Municipal de Saúde.

*Pelo INGÁ – Instituto de Gestão de Águas e Clima*

- Promover a consolidação da Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável para Povos e Comunidades Tradicionais (PNPCT), na Bahia;
- Dar continuidade à política de realização dos Encontros das Águas;

- Monitorar a qualidade das águas de acordo com o compromisso firmado na *Carta das Águas*, com a participação dos povos e comunidades tradicionais de Salvador;
- Estimular a participação das comunidades negras tradicionais na reformulação do Plano Estadual de Recursos Hídricos a partir dos Comitês de Bacia;
- Formar agentes voluntários das águas entre as comunidades negras tradicionais.

### *Pelo Ministério do Desenvolvimento Social – MDS*

- Fomentar a participação das comunidades negras tradicionais nas linhas dos programas de Aquisição de Produtos Extrativistas (PAE), de Aquisição de Alimentos (PAA), e de Aquisição de Leite para distribuição no Baixo Sul;
- Divulgar as avaliações dos resultados do programa Bolsa Família aos presentes neste Seminário;
- Promover o acesso das comunidades quilombolas e comunidades de Terreiros ao Benefício de Prestação Continuada (para famílias com renda de até  $\frac{1}{4}$  do salário mínimo por pessoa);
- Estimular a participação das ONGs e das comunidades na rede de pesquisadores do levantamento das comunidades negras tradicionais, assim como nos convênios que beneficiem produções nas comunidades negras tradicionais de terreiros;
- Aperfeiçoar a disseminação de informações sobre o fundo constituído pela apreensão de extração ilegal de madeira, sobre os editais de projetos do MDS aplicáveis às comunidades negras tradicionais, sobre a Lei de Repartição de

Benefícios de Conhecimentos e Práticas Tradicionais e sobre os fundos conveniados entre a Petrobras e o Conselho Nacional de Comunidades de Povos Tradicionais.

*Pelo INCRA – Instituto de Colonização e Reforma Agrária – BA*

- Debater sobre a solução da titulação dos territórios em que famílias já têm títulos individuais de propriedade;
- Agendar uma visita ao Baixo Sul, ainda no ano de 2008, para explicar o estado dos processos na região.

*Pela Secretaria de Relações Institucionais do Governo da Bahia*

- Alinhar-se às políticas públicas federais para as comunidades e povos tradicionais;
- Assegurar ações de preservação das tradições linguísticas dos povos e comunidades tradicionais, com a participação de seus representantes;
- Divulgar o processo e os critérios de constituição da Comissão Estadual para a Sustentabilidade dos Povos e Comunidades Tradicionais, assim como o 1º Encontro para a Sustentabilidade dos Povos e Comunidades Tradicionais da Bahia;
- Facilitar os processos de comunicação da juventude de Candomblé com a Coordenação Estadual de Juventude.

*Pela Secretaria Municipal da Reparação (Salvador – BA)*

- Capacitar servidores municipais das diversas secretarias contra a intolerância religiosa;

- Implementar a isenção tributária dos Terreiros de Candomblé em Salvador;
- Divulgar a cartilha de orientação jurídico-tributária para os Terreiros.

*Pela Coordenação de Tributação da Secretaria de Municipal de Fazenda (Salvador – BA)*

- Oferecer orientações técnicas sobre os processos de constituição de associação para Terreiros com vistas à imunidade tributária.

*Pela Secretaria Estadual de Cultura da Bahia – Fundação Pedro Calmon*

- Promover, valorizar e proteger a tradição oral das comunidades negras tradicionais e os seus saberes;
- Promover o reconhecimento, pelo IPHAN, dos saberes das comunidades negras tradicionais;
- Promover, entre os gestores municipais, o uso da lei de patrimônio histórico e cultural para os Terreiros de Candomblé;
- Promover a criação de uma lei estadual para proteção do patrimônio imaterial e material das comunidades negras tradicionais.





